

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

EDIR CINTA LARGA

**HISTÓRIA E FORMAÇÃO DO HOMEM CINTA LARGA: SABERES E
PRÁTICAS TRADICIONAIS DO UNIVERSO MASCULINO
*PANDERÉÉJ***

**Barra do Bugres
2016**

EDIR CINTA LARGA

**HISTÓRIA E FORMAÇÃO DO HOMEM CINTA LARGA: SABERES E
PRÁTICAS TRADICIONAIS DO UNIVERSO MASCULINO
*PANDERÉÉJ***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado de Mato Grosso-
UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est.
Renê Barbours, como requisito parcial para
obtenção do título de graduado em Ciências
Sociais.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Thereza Martha Presotti

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

CS75h CINTA LARGA, Edir.

História e formação do homem Cinta Larga: saberes e práticas tradicionais do universo masculino *Panderóej* / Edir Cinta Larga. – Barra do Bugres, 2016. 36 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.
Orientadora: Profa. Dra. Thereza Martha Presotti.

1. Povo *Panderóej*-*Cinta Larga*. 2. História. 3. Práticas Tradicionais na Formação Masculina. I. Presotti, T. M., Dra. II. Título. III. Título: saberes e práticas tradicionais do universo masculino *Panderóej*.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

EDIR CINTA LARGA

**HISTÓRIA E FORMAÇÃO DO HOMEM CINTA LARGA: SABERES E PRÁTICAS
TRADICIONAIS DO UNIVERSO MASCULINO *PANDERÉÉJ***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Barra do Bugres, 27 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Thereza Martha Presotti
Professora Orientadora

Prof. Me. Marcelo Franco Leão
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Marli Auxiliadora Almeida
Professora Avaliadora

**Barra do Bugres
2016**

EPÍGRAFE

*A aprendizagem é algo que nos leva adiante
para o sucesso na vida.
(Edir Cinta Larga)*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecer a Deus, por ter me dado saúde e a capacidade para realizar este trabalho.

Em segundo, agradeço a minha família, comunidade e ancião da minha aldeia que tiveram a paciência de compreender as minhas ausências na realização desta pesquisa. Também agradeço aos meus consultores nativos que passaram a maior parte das informações aqui colocadas, senhor Gapimangat Cinta Larga, Luiz Cinta Larga, Nace Cinta Larga e Capitão Cinta Larga.

Por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para que eu pudesse concluir este trabalho, especialmente, aos anciões, aos professores da UNEMAT, a minha orientadora, professora Dr.^a Thereza Martha, à coordenação do curso e a todas aquelas pessoas que contribuíram diretamente e indiretamente para a elaboração desta monografia.

RESUMO

Este trabalho aborda sobre um pedacinho da história do contato e da cultura do povo denominado Cinta Larga, que se autodenomina Panderéj, que significa pessoas, gente, povo. O trabalho aborda temas da história do contato e descreve as fases e as práticas de formação do universo masculino ou formação tradicional do homem deste povo. Aqui está registrado o processo pelo qual o jovem deve passar para ser considerado como homem, ou seja, um verdadeiro Panderéj. Os dados foram coletados entre 2013 e 2016, por meio de observações, entrevistas com anciões da região de Aripuanã, localizada na TI Aripuanã, (MT). As entrevistas foram feitas, utilizando caderno de campo, porém, algumas vezes, foi preciso gravar as narrações dos anciões, bem como, através de leituras de pesquisas de alguns antropólogos. Antigamente o jovem que não passava pelo processo de aprendizagem não podia casar, pois não teria condições de manter a família. Acredito que, com este trabalho de registro, tenha despertado as pessoas para demonstrar o valor dessas práticas culturais de formação e educação tradicional para o mundo acadêmico e, principalmente, para o povo Panderéj (Cinta Larga).

Palavras-chave: Panderéj-Cinta Larga. História. Práticas tradicionais na formação masculina

RESUMO NA LÍNGUA CINTA LARGA WE TING NIKIÉ

Ae mángae zaréej iné tákaj Cinta Larga māj sanéé atja mené ixu kuja. Ana tamae apyky úúj makubáá mene panae maá, werebatéé ujit iné akubá awatāna asáát mene panae maá. We mánga waára maã aldeia ká kíí tawatang kaj ana te pajáe mantére pambyky makubáá wáá ta kaja, ena téé maá zaréej ene paxukuj mené tĩng mánga menéé wééikini enateáá. ãu tenza ujit zanéé é mantere panéé panbyky mnkubáá menemi ānaa uneé meneka maé wáát ena kadebea wáá. Mantere ujit inéé akubáá unn déét mǎng deja kalanéé na mantere, ena meneka máe wáát ewexukuj menekadebeá wáá. We tĩng mi zaréej kaj ana é tupare magáá menéé na mae we mangáá, manngá enatéé ujiréej jáát jena we sáát bute panzajenáá wáá máe we tĩngĩáá.

Palavras-chave: Mantere. Pambykyp. Pamakubáá

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CTL	Coordenador Técnico Local
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SESAI	Secretaria Especial a Saúde Indígena
SUDAM	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Tabela de algumas ervas.....	26
------------	------------------------------	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Representação dos 4 territórios Panderéj)	12
Figura 2 –	Representação da T.I Aripuanã	13
Figura 3 –	Menino fazendo flechinha.....	21
Figura 4 –	Menino fazendo tocaia	22
Figura 5 –	Tocaia para caçar animais e aves pequenas	23
Figura 6 –	O pai ensinando o rapaz a fazer flecha trabalhada.....	24
Figura 7 –	O pai passando erva no menino para ficar bom de caça.	25
Figura 8 –	O rapaz caçando macacos.	25
Figura 9 –	O rapaz cortando porco do mato.	27
Figura 10 –	Jovem matando tatu.....	28
Figura 11 –	Rapaz sendo testado pela onça.	29
Figura 12 –	Rapaz tirando mel Arapua.....	30

SUMÁRIO

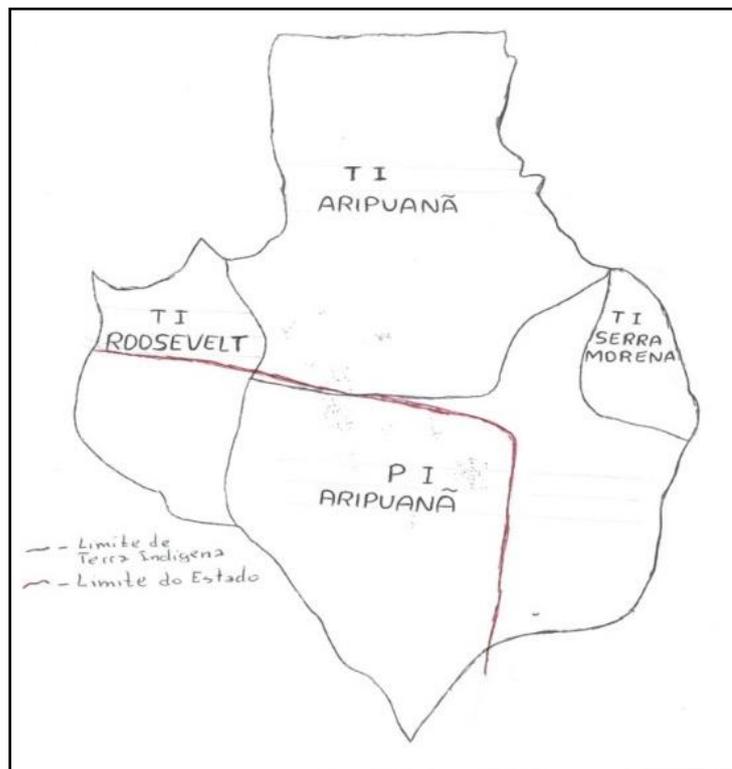
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – OS PANDERÉÉJ: HISTORIA DE FORMAÇÃO DE UM POVO TUPI-MONDÉ	17
CAPÍTULO II – PRÁTICAS CULTURAIS NA FORMAÇÃO MASCULINA PANDERÉÉJ	20
2.1 A primeira fase: mbyp kyp	20
2.2 Os primeiros aprendizados: segunda fase ujit kyp (menino).....	21
2.3 O segundo aprendizado: terceira fase ujiryyt (menino maior)	23
2.4 A aprendizagem de atividades pesadas: quarta fase ujiráá, (fase adolescente)	27
2.5 As práticas de conclusão do processo: quinta fase, o ujit (adolescente homem) ..	28
2.6 O que é praticado e o que não é praticado na atualidade.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS	33
FONTES ORAIS	33
ANEXO	34
ANEXO A – ROTEIRO DE PERGUNTAS DE ENTREVISTAS.....	35

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma pesquisa acadêmica feita para obtenção do título de graduado em Ciências Sociais. Aborda sobre o processo de formação tradicional do homem Cinta Larga, povo assim chamado pela sociedade não indígena, mas os mesmos se autodenominam como povo Panderéj. É esta denominação que vou empregar no trabalho, como acadêmico indígena deste povo, para não usar esse apelido dado pelo não indígena.

Na atualidade, esperamos ser reconhecidos pelo esse etnônimo, que significa pessoas, gente, povo. Nós, *Panderéj*, estamos divididos em três grandes clãs: *Mam*, *Kabam* e *Kakim*. Embora a denominação Cinta-Larga seja usada para designar o conjunto de grupos que são habitantes das terras que se estendem do leste de Rondônia ao noroeste de Mato Grosso, trata-se, na verdade, de um único grupo, mas também, entre eles, denominam os grupos por região. Os grupos que habitam a T.I Roosevelt eram chamados de *Paépiéj* ou *Ubiéj* (os de baixo/ os de traz), *Pabiréj* (os do meio), e *Paábiéj* (os de cima). Somos falantes da língua do tronco Tupi, da família linguística conhecida como Tupi-Mondé, uma língua falada por outros grupos indígenas vizinhos como: Suruí-Paiter, Zoró, Gavião e outros.

Figura 1 – Representação dos 4 territórios Panderéj)



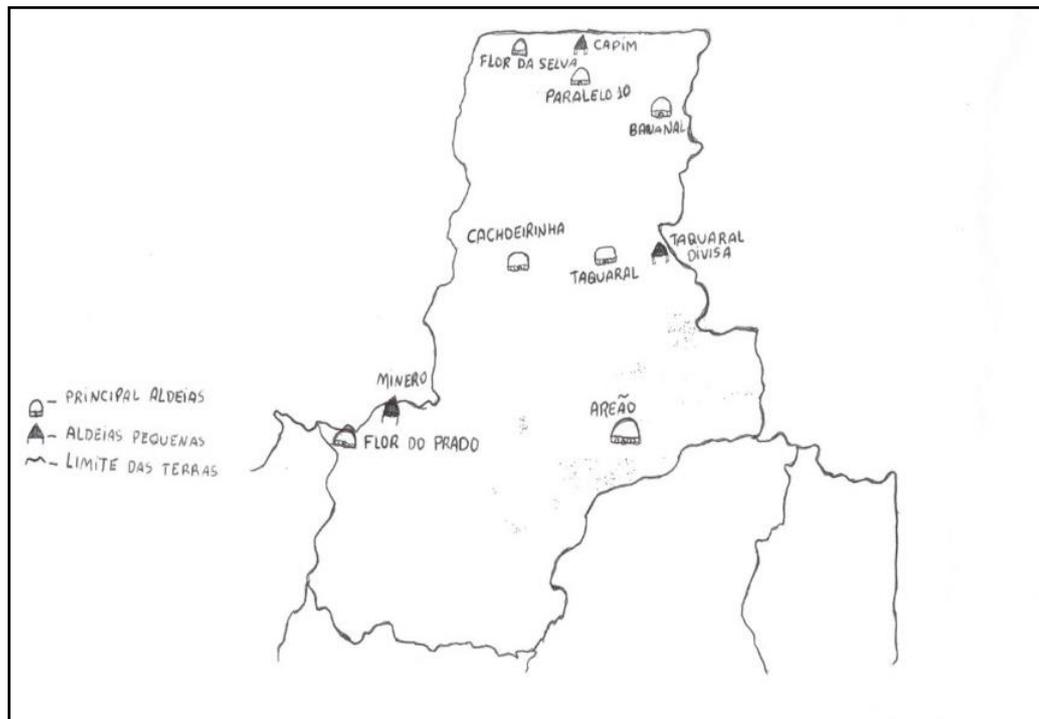
Fonte: Edir Cinta Larga, 2016

O território do povo *Panderéj* abrange o leste de Rondônia e noroeste de Mato Grosso e está dividido em quatro (4) Terras Indígenas diferentes, todas homologadas: TI Roosevelt, TI Serra Morena, PI Aripuanã e TI Aripuanã que somam o total de 2, 7 milhões de hectares. Na representação acima, podemos perceber o tamanho do território Cinta Larga.

Atualmente são 34 aldeias, sendo: 12 aldeias na T.I. Roosevelt, uma aldeia no P.I. Aripuanã, 10 aldeias na TI Serra Morena e na TI Aripuanã são 11 aldeias, e estão nas fronteiras com o município de Aripuanã-MT.

Atualmente a população geral do povo aproxima-se de 2800 pessoas. O foco para realização deste trabalho foi a comunidades da região de Aripuanã, principalmente, a comunidade da aldeia Flor do Prado. Conforme a figura nº 02, podemos ter noção da localização das aldeias da região de Aripuanã. No total, são 9 aldeias na região, porém, os consultores nativos consultados são da aldeia Flor do Prado, aldeia Pavorosa e aldeia Cachoeirinha.

Figura 2 – Representação da T.I Aripuanã



Fonte: Edir Cinta Larga, 2016

A aldeia Flor do Prado, o foco principal deste trabalho, localiza-se na TI Aripuanã, à margem esquerda do rio capitão Cardoso, a 295 km do município de Aripuanã (MT). Foi fundada em 1997, para ser posto de fiscalização para impedir a entrada ilegal de muitos

exploradores de recursos naturais, mas somente no ano de 2000, a aldeia se tornou a maior da região de Aripuanã, a população geral aproxima-se 100 pessoas no total.

O objetivo do trabalho é analisar, registrar e divulgar aos jovens de hoje o valor deste processo de formação tradicional ainda na memória dos anciãos. Portanto, o mesmo pode servir como material importante para ser utilizado na escola pelo povo, também pode ser um instrumento de pesquisa no mundo acadêmico. Assim, tanto a sociedade não indígena quanto a sociedade indígena poderão conhecer essas práticas culturais do nosso povo *Panderéj/Cinta Larga*,

Outro objetivo é despertar o interesse dos jovens com o registro deste trabalho, através de leituras na sala de aula e no dia a dia. Registrar todas as fases de aprendizagem que os jovens passavam para ser considerados como homem formado. Analisar quais práticas ainda são realizadas pelos jovens e quais não são praticadas mais na atualidade. Analisar como este processo de aprendizagem dos jovens está sendo tratado por nosso povo na atualidade.

O presente trabalho foi produzido por meio de pesquisa com anciões da aldeia Flor do Prado, aldeia Areão, aldeia Cachoeirinha e pesquisa bibliográfica de obras de alguns autores que fizeram trabalho sobre o povo *Panderéj* (Cinta Larga), como João Dal Poz Neto (1994)

Utilizei roteiro de entrevista e caderno de campo para fazer entrevistas com anciões das aldeias, lembrando que todas as entrevistas foram feitas na língua materna do povo Tupi-Mondé. Em 20 de agosto de 2014, fiz entrevistas com anciões da aldeia Flor do Prado, senhor Gapimangat Cinta Larga, nas dependências da Associação *Pasapkaréj*. Posteriormente, no dia 13 de agosto de 2014, entrevistei o senhor Luiz Cinta Larga, na sua própria aldeia. Depois, no dia 02 de dezembro de 2014, entrevistei o senhor Nace Cinta Larga, da aldeia Pavorosa, na sua residência, em seguida, no dia 10 de abril de 2015, entrevistei o senhor Capitão Cinta Larga, da aldeia Cachoeirinha.

A maior parte das informações foi coletada, a partir de observações da vida cotidiana das famílias e quatro (4) entrevistas com anciões, isso porque até o momento, não encontrei um trabalho acadêmico em relação a este tema.

Os quatro entrevistados foram os maiores sábios e formadores de jovens até a década 1960. Segundo eles, após o contato com não indígenas, os jovens tanto quanto os anciões perderam o interesse por esta formação tradicional. Além de guardiões conhecedores da cultura, alguns destes anciões participaram da migração em busca dos não indígenas, na época do contato. O ancião Gapimangat Cinta Larga é do clã Mam, tem 72 anos, mora na aldeia Flor do Prado, assim como, o seu vizinho Capitão Cinta Larga, que tem 75 anos, mora na aldeia Cachoeirinha. Já ancião Nace Cinta Larga é do clã Kabam, tem 74 anos, mora na aldeia

Lontra. Por último, o ancião Luiz Cinta Larga, o mais jovem dos três, tem 48 anos, mora na aldeia Flor do Prado e foi um dos últimos jovens que passou por todo o processo de formação, quando ainda era realizado no modo tradicional.

Realizei esta pesquisa sobre este conjunto de saberes que se ensina para a formação tradicional do homem *Panderéj* (Cinta Larga), porque vejo que os jovens não estão mais passando por estas práticas culturais que eram bem valorizadas e obrigatórias de aprender para ser considerado como homem formado, pronto para se casar. Acredito que se não tiver nenhum trabalho que registre esses saberes ensinados pelos anciãos, pode ser que seja esquecido pelas gerações futuras, o que é ruim para a memória do nosso povo. Por isso quero demonstrar, através deste trabalho, a importância e valor dessas práticas para nós. Além do mais, esse trabalho pode ser utilizado na escola como conteúdos na área de ciências sociais e, conseqüentemente, no fortalecimento deste patrimônio cultural imaterial.

Segundo o IPHAN, patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade do povo. A própria constituição Federal de 1988, no Artigo. 216, define cultura como todas as ações por meio das quais os povos expressam suas “formas de criar, fazer e viver”. O patrimônio imaterial de uma cultura engloba a linguagem, a forma como constroem suas casas, fazem suas rezas, cantos sagrados e transmitem seus saberes e fazeres, “um processo dinâmico de transmissão, de geração a geração, de práticas, sentidos e valores” (IPHAN, p. 6, 2007)

Portanto, o patrimônio cultural imaterial permeia toda a vida de um povo, principalmente, dos indígenas, pois são os conhecimentos ou saberes repassados pela oralidade e através das práticas e rituais, cantos, danças, entre outros, e se transmite de geração em geração. São constantemente recriados pelas comunidades e grupos em função de sua interação com a natureza e sua história. Importante é que lhes fornece um sentimento de identidade e de continuidade. A preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados, ou seja, cuidar de bens representativos da história e da cultura de um lugar, de um grupo social que ocupa um determinado território. Trata-se de cuidar também dos usos, costumes e manifestações culturais que fazem parte da vida das pessoas e se transformam ao longo do tempo. (IPHAN, 2006, p. 8)

A ideia de fazer um trabalho sobre nossa cultura surgiu em 1998, quando percebi que havia um processo de formação que os jovens tinham que fazer primeiro para poderem se casar, e fui procurar saber com anciões. Eles me contaram como era anteriormente e, quando os anciões me disseram todo o processo de formação, percebi o porquê dos homens

anteriormente serem bons de caça, pesca e coletores de frutas. Logo então surgiu a oportunidade de fazer um trabalho de TCC no Projeto Haiyô (Formação de Magistério Intercultural para os professores indígenas), assim, em 2009 elaborei um trabalho sobre o mesmo tema, mas com essa oportunidade no curso de Licenciatura Intercultural, aprofundei esse tema.

Apesar de o povo lutar para manter algumas práticas desse processo e serem 100% falantes da língua materna, consumidores de 100% de alimentações típicas e praticantes de quase todos os costumes da cultura, na última década, isso vem cada vez mais sendo esquecido pelos jovens, por isso, recebem discriminações e preconceitos pelos não indígenas da região.

Por essa razão, acredito que uma vez registrado todo esse processo de Formação Tradicional do homem Cinta Larga no mundo acadêmico, pode servir de elemento importante para divulgar essa cultura para o povo ocidental, servir de material importante para ser usado na escola pelos professores indígenas do povo e, com isso, será feita tanto a preservação, quanto o resgate e o fortalecimento dessa prática através da escola e pelo povo.

Portanto, penso que uma vez registrado como era feita no passado e como está sendo realizada na atualidade essa formação, futuramente pode vir a ser resgatada através do uso deste material na escola pelos professores, assim fortalecida a prática dessa formação tradicional.

O trabalho está organizado por capítulos, destacando a sequência da faixa etária do aprendiz, também pelas etapas que o jovem vai passando no decorrer do tempo, assim sucessivamente, até a última faixa etária que é considerada a conclusão deste processo de formação.

No último capítulo, procurei colocar quais práticas que ainda estão sendo mantidas ainda em cada fase, assim como, as que não são praticadas.

Como jovem acadêmico indígena deste povo, acredito que trabalhar com esse assunto nessa oportunidade seria o momento certo para procurar saber como e porque o valor dessas práticas está sendo cada vez mais esquecido pelo povo.

CAPÍTULO I – OS PANDERÉÉJ: HISTORIA DE FORMAÇÃO DE UM POVO TUPI-MONDÉ

A nação Cinta Larga foi assim chamada pelos não indígenas devido ao ardume usado pelo homem, espécie de cinturão feito de entrecasca de árvore tauari. Mas sendo eu um indígena deste povo, não usarei esse apelido dado pelos invasores da nossa terra, pois prefiro usar o nome pelo qual o povo se autodenomina, Panderééj, que significa povo, gente, pessoa.

Quero colocar aqui um resumo do mito da origem do povo, porque vejo que para a sociedade não indígena parece que só surgimos a partir da colonização do estado de Mato Grosso e Rondônia.

Segundo a mitologia, o povo foi criado por Gura (Deus, criador de tudo). Após criar tudo que existe no mundo o Gura estava andando observando as maravilhas que havia criado, mas se sentia sozinho, então num passeio na floresta criou três seres humanos: *Mam* (castanheira), *Kakim* (cipó), *Kabam* (uma árvore). Primeiro criou o *Mam*, depois criou *Kakim*, em seguida o *Kabam*. Depois que criou os três, Gura chamou os mesmos para conversar, então disse Gura, vocês vão ter a missão de cuidar de todas essas maravilhas que tem no mundo, só poderão retirar aquilo que for necessário para o sustento de vocês, seja animais, frutas, peixes, tudo que poderem consumir terão que ter controle, disse Gura.

Disse Gura ainda, Cada um de vocês vai se chamar com nome do qual foram criados. Por isso que o povo *Panderééj* é formado por três grandes clãs *Mam*, *Kabam* e *Kakim*. Os *Mam*, porque foram criados a partir de castanheira, os *Kakim* porque foram criados de um cipó chamada *Kakim*, os *Kabam* porque foram criados a partir de fruta da árvore chamada *Kabam*.

Segundo os anciões, eles não recordam da memória bem antiga, por isso vou fazer esse histórico segundo as informações que eles me passaram. Para eles, o povo sempre soube da existência do outro (záát). Por isso sempre fizeram expedições descendo principais rios que faz parte a bacia hidrográfica do nosso território, *Ípebáá* (rio Roosevelt) e no *Jíip Xi* (rio Aripuanã). Única coisa que tiveram nessas expedições foram conflitos com vários grupos indígenas vizinhos.

Em uma dessas expedições desceram o rio *Ípebáá* (Rio Roosevelt), até atingir *Íxúúk* (lago salgado). Acredito que esse *Íxúúk* seria o mar, porque eles falam que o grande lago sem fim era *xúúk* (salgado). Somente depois fizeram outra expedição e acharam vestígio de pessoa diferente, viram picadão feito de *ndabeatu* (facão); e depois de terem visto esses vestígios não

tiveram mais dúvidas da existência do záát (não índio). Desde então, começaram a fazer monitoramento do território fazendo essas expedições descendo os principais rios.

Algumas décadas depois, em uma pequena expedição dessas, quando desceram de novo o *Ípebáá*, viram o záát pela primeira vez, segundo os mais velhos, eles chegaram no barraco (*gerep*), do záát escondido, onde só pegaram facão (*ndabeatúú*), e facas (*ndabe*). Desde então cada década que passava os *zarééj* foram aparecendo nas margens do Rio Machado (RO) e nas margens do rio Aripuanã-MT. Desde então sempre evitaram ter contato direto com não índio, com passar do tempo, com a aproximação forte do záát no território foi ficando inevitável a aproximação secreta dos índios nos barracos dos *zarééj* (não índios).

Cada década que passava ficou impossível de não ser visto pelo záát, daí começou a acontecer o que eles mais temiam, começou a ter os conflitos entre *Panderééj* e *Zarééj*. Segundo os anciões, o contato mais fixo que fizeram com *zarééj* foi quando subiram muitos *zarééj* em inúmeras canoas e barcos no *Ípebáá* (rio Roosevelt). Acredito-me que esse fato foi quando teve a chamada Expedição Roosevelt- Rondon por volta de 1913, na primeira década do século XX.

A primeira possível notícia que o não indígena fez, sobre o povo *Panderééj*, pode ter sido do sertanista paulista Antônio Pires dos Campos, quando atravessou as Chapadas dos Parecis, atingindo o rio Juruena, em 1727, (POZ, In: MALDI, (Org.) 1994, p.14).

Somente com a colonização do estado de Mato Grosso e Rondônia, principalmente, com a expansão do chamado “ciclo da borracha”, após a criação da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato grosso ao Amazonas, surgem as notícias mais concretas do povo *Panderééj* (s.d,p 15). Portanto, somente a travessia do território do povo *Panderééj*, com a chamada Expedição Roosevelt-Rondon, tem-se as primeiras notícias notáveis deste povo. Sobre isso, Poz informou:

A expedição, que cruzou o território ocupado pelos Cinta Larga, encontrou em seu percurso inúmeros sinais de sua presença. Numa ocasião, afastando-se o coronel Rondon cerca de um quilometro da margem direita, pouco abaixo da recém-denominada cachoeira do Simplicio, os índios flecharam seu cachorro Lobo, obrigando-o a disparar em sinal de advertência (Roosevelt. 1943, pp. 251-252). E logo abaixo da embocadura do rio Kermit, os expedicionários chegaram a uma “aldeia de índios pescadores” com três palhoças baixas e oblongas, mas que se achava abandonada (idem: 258). Mas abaixo foram assinaladas outras aldeias, também temporariamente abandonadas. Eram vestígios de uma numerosa população indígena. Os seringueiros, que viviam no baixo curso de, disseram ao ex-presidente Roosevelt que não conseguiam subir além de um trecho de grandes corredeiras (pouco abaixo da junção de dois importantes tributários, provavelmente a foz do igarapé Tiroteio), “em fase de hostilidade dos índios” (idem: 257)” (POZ, in MALDI, 1994, p.16)

Quando disseram que acharam aldeias temporariamente abandonadas é porque o povo *Panderéj* passa tempos longos nos grandes rios, caçando e pescando. Para isso, constroem palhoças na beira dos rios para que possam voltar sempre neste local na época boa para essas práticas.

Conforme os anciões, algumas décadas depois, com a entrada de inúmeros exploradores dos recursos naturais, como seringueiros e garimpeiros, teve a maior morte do povo, *panzutkái* (dizimação). Acredito que esse seria o famoso Massacre do Paralelo 11. Pelas informações dos anciões, foi exterminado a maior parte das aldeias grandes que existiam na época. Entre as aldeias maiores que foram dizimadas estão *Nduawéj*, *Awalawéj*, *Gat Turéj*, *Ibukéj*, *Býléj*, *Ingñéj*.

Com base nos registros feitos na época dos trabalhos exploratórios da comissão Rondon, podemos ter noção de como o povo *Panderéj* resistiu e resiste ainda fortemente ao ataque dos exploradores dos recursos naturais na sua terra, quem vem se arrastando, desde a época da colonização do estado de Mato Grosso e Rondônia até.

Atualmente o povo *Panderéj* localiza-se no sudoeste da Amazônia brasileira, compreendendo parte dos estados de Rondônia e Mato Grosso. O território tradicional do povo se estende a partir das imediações da margem esquerda do rio Juruena, junto ao rio Vermelho, até a altura das cabeceiras do rio Juína Mirim, das cabeceiras do Rio Aripuanã, nas cabeceiras do rio Tenente Marques e Capitão Cardoso e as cercanias dos rios Eugênia. Habitam as terras Indígenas Roosevelt, Serra Morena, Parque Aripuanã e Aripuanã, todas homologadas, somando um total de 2,7 milhões de hectares. A população está distribuída em três grandes grupos *Mam*, *Kakim* e *Kabam*. Assim como qualquer povo, o mesmo tem designação por região entre eles, nas redondezas dos rios Tenente Marques e Eugênia, estão as aldeias do *Paépiéj* (“os de baixo”). Próximos à confluência do Capitão Cardoso com o Roosevelt moram os *Pabiréj* (“os do meio”). E, pouco mais ao norte, nos rios Vermelho, Amarelo e Branco, localizam-se os *Paépiéj* (“os de cima”). A língua Cinta Larga pertence à família Tupi Mondé, tronco Tupi, assim como as de seus vizinhos Gavião, Suruí Paiter e Zoró.

Atualmente a TI Aripuanã, foco deste trabalho, conta com uma população de aproximadamente 800 indivíduos, vivendo nas aldeias no interior da TI Aripuanã, aldeia Flor do Prado, Taquaral, Cachoeirinha, Paralelo 10, Areão, Flor da Selva, aldeia Divisa e aldeia Do Mineiro.

CAPÍTULO II – PRÁTICAS CULTURAIS NA FORMAÇÃO MASCULINA *PANDERÉÉJ*

2.1 A primeira fase: *mbyp kyp*

O processo da formação do homem Cinta Larga começa desde os primeiros anos da infância, de 3 a 5 anos, o chamado *mbyp kyp* (criança). O pai apenas dá orientação e incentivos ao filho sobre as atividades que vai ter de fazer no decorrer do crescimento. Todo o ensinamento do menino só pode ser feito pelas pessoas do sexo masculino da família, pai, tio é avô, qualquer pessoa próxima da família ou mais experiente pode dar conselho para o menino sobre o comportamento que deverá seguir no processo de formação, como respeitar as pessoas, não ser preguiçoso nas atividades, cumprir os seus deveres e respeitar as coisas que é proibido de fazer por ele no decorrer dessa aprendizagem, pois assim o jovem tornará um grande guerreiro.

Ainda nessa faixa etária, o menino começa a acompanhar os meninos maiores para observá-los nas práticas que realizam nessa fase, como confecção de flechinhas e arco. Em seguida, a prática de *jikáá ka*, porque assim ele conhecerá a matéria-prima da qual são feitos cada instrumento.

Quero esclarecer que em todas as faixas etária acontece o ensinamento social do aprendiz. As pessoas da família vão ensinando e orientando o jovem sobre comportamento diante de determinadas pessoas em momentos diferentes e lugares diversos, conforme o lugar, ocasião, circunstância. Em cada fase, conforme o crescimento do rapaz, vai ser repassado o ensinamento social para o jovem.

Nessa fase, o menino apenas recebe as orientações sobre as práticas, cuidado com certos tipos de alimentação que não podem ser consumidos nessa fase. Exemplo: se ele matar um animal, ave, peixe, ou outro tipo de caça, o menino não pode comer pedaço deste caça. Se comer algum pedaço, dizem que não vai ter uma boa aprendizagem, os espíritos dos animais podem atrapalhar a aprendizagem dele.

Atualmente tudo que era praticado nessa fase, apesar de influência da cultura do não índio, os ensinamentos que aconteciam são valorizados ainda nessa fase. Pelo menos, na parte das orientações, os pais pegam duro com os filhos, porém, a interferência maior está no cumprimento dessas orientações pelos filhos, pois nem todos obedecem.

2.2 Os primeiros aprendizados: segunda fase *ujit kyp* (menino)

Na fase de 5 (cinco) a (7) sete anos, o chamado *ujit kyp* (menino), o menino já começa as práticas que observou na fase anterior, começa aprender a fazer *salajáp* (flechinha). Mas antes, terá que conhecer a matéria-prima com a qual é confeccionada a flechinha. Para conhecer essas matérias-primas é necessário acompanhar os meninos maiores, mas, na maioria das vezes, o pai mesmo vai mostrando ao menino nas caçadas. No dia de realizar a produção do *salajáp*, (flechinha), o menino vai tirar o talo de *pasáp* (babaçu), próprio para isso. Ele corta no tamanho certo para ele, após isso, vai alisando o talo com *ndabe* (faca), até ficar no ponto certo. Ao terminar de fazer a flechinha, o menino faz também o *batpe káp* (arco). Para confeccioná-lo, também é necessário conhecer os materiais, e as árvores boas que servem para produzi-los são: *úp vantang*, *ixakabit*, *pixam* e *gakúúp*. O tamanho não pode ser menor, nem maior que o menino.

Figura 3 – Menino fazendo flechinha



Fonte: Edir Cinta Larga, 2015

Depois de aprender a fazer a flechinha, vai aprender fazer a *jikáá* (tocaia) de esperar *indjñnééj* (passarinho e animais pequenos). Essa tocaia geralmente é feita no *puú'áá* (fruteira) que toda espécie de aves come, desde pássaro menor até o maior, como: *wakúúj* (mutum), *tamuap* (jacu), etc. Também na época de *gau* (verão), nos igarapés, faz tocaia na beira de poça

d'água, onde os animais e pássaros vêm beber água. Geralmente na época da seca só encontra de 1 a 3 poças d'água na cabeceira do córrego. Isso facilita para os animais irem beber água neste local. Essa prática os meninos fazem geralmente com 2 a 5 pessoas, depende de quantas poças d'água encontrarem no local, um faz em cada poça d'água.

Figura 4 – Menino fazendo tocaia



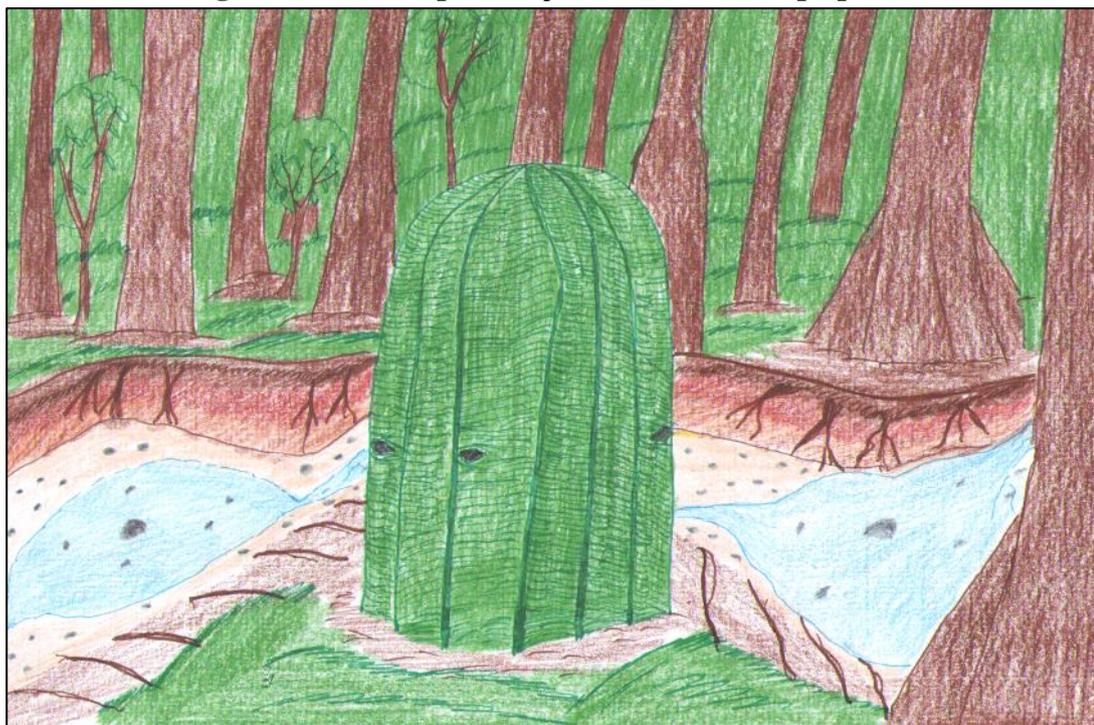
Fonte: Edir Cinta Larga, 2015

Para fazer a tocaia, é necessária palha de *bíup* (açai) ou folhas de wasang (palmeira). Quando é feito, as folhas grandes são colocadas em círculo no tamanho suficiente para o menino se mover dentro. As folhas pequenas são amarradas com cipó nas folhas grandes, pois a tocaia deve estar bem feita para que os animais não vejam o que está lá dentro. Somente terá um espaço para o menino entrar e sair e alguns buraquinhos no tamanho certo onde ele possa ver os animais se aproximando da tocaia.

Quando o menino mostra interesse por esta atividade, o pai já percebe que terá um bom desempenho em outras atividades que surgirão.

As práticas dessa fase são as que mais sofreram alterações com a influência da cultura não índio. Atualmente é raro um menino fazer tocaia, sair da aldeia em grupo, em busca de achar fruteira ou córrego seco. Poucos fazem as flechinhas ainda, mas aquele que faz flechinha, só faz por fazer mesmo, não pratica mais as atividades como antes.

Figura 5 – Tocaia para caçar animais e aves pequenas



Fonte: Edir Cinta Larga, 2015

2.3 O segundo aprendizado: terceira fase *Ujiryyt* (menino maior)

De oito a dez anos, o chamado *ujiryyt* (menino maior), começa aprender a fazer a flecha de taquara que é para caçar animais grandes, como *mbebekut* (cateto), *mbebe tere* (queixada), Ítí (veado) etc. Tem quatro tipos de flecha de taquara: *jap* (flecha simples) que é para matar animais terrestre, *jappikālāj* (flecha para matar aves), essa serve para caçar só aves, *iá minínn* (flecha para matar peixe), mas a mais importante das flechas é *jap sék pit*, (flecha para matar animais considerados difíceis de achar ou considerados bravos), exemplo: onça, gavião etc. Desses quatro tipos de flechas, o menino aprende a fazer a mais simples, que é a flecha de matar peixe, isso porque as atividades feitas por essas flechas são as únicas possíveis de serem feitas por ele nesta fase. Também o pai começa a levar o filho para tudo que for fazer, isso para que o menino possa conhecer e aprender também.

Depois de fazer a flecha, o rapaz começa a fazer *mbatpée* (arco), acompanhado pelo pai. Inicialmente tira o pedaço de *jubat* (tucum), vai alisando com *ndabe* (faca) até ficar no ponto bom de esticar. Em seguida, começa a trançar *uláá* (fibra retirada da folha de tucum), terminado de trançar a linha, já é colocada no arco e finaliza. A espessura e altura do arco são de acordo com o tamanho e conforme a força do aprendiz.

Depois que o rapaz aprende a confeccionar arco e a flecha, o pai começa a ensinar o rapaz todo o processo de uso das ervas, ao mesmo tempo, o pai vai passando o chá das ervas no rapaz. Alguns são usados no corpo em forma de chá, coloca de molho as folhas ou casca de raiz na panela com água, depois vai passando no corpo durante de 3 a 5 dias. Outros são comestíveis, coloca na boca e vai mastigando até dissolver tudo, o uso mais dolorido é aqueles que são passados nos olhos, fazem chá com raiz e pinga gota nos olhos, o efeito pode durar até de 1 a 2 horas

Figura 6 – O pai ensinando o rapaz a fazer flecha trabalhada



Fonte: Edir Cinta Larga, 2015

Desde então, o menino precisa conhecer todos os tipos de ervas, desde o preparo. Quando usar? Para que usar? Como usar? Onde usar? Para qual animal serve? Todas essas questões o menino precisa responder depois do aprendizado sobre as ervas.

Existem dois tipos de ervas: *pamabe xipu amitikíp*, que serve para deixar o rapaz bom de flecha, e *pupakéej puráát*, espécie que varia de acordo com animal. Existe uma erva para cada animal, por isso, o aprendiz deve passar todas essas ervas para ser bom caçador. O uso das ervas não pode ser interrompido.

Figura 7 – O pai passando erva no menino para ficar bom de caça



Fonte: Edir Cinta Larga, 2015

Figura 8 – O rapaz caçando macacos



Fonte: Edir Cinta Larga, 2015

Todo ano, uns três meses antes da época boa para caçar tal animal, o rapaz deve passar novamente as ervas, assim sucessivamente.

As atividades dessa fase foram quase todas esquecida pelo povo. Atualmente poucas pessoas do povo usam somente 1%, de mais um menos 30 espécies de ervas que usavam antigamente. Podemos dizer que isso acontece porque as atividades dessa fase estão relacionadas mais com a caça, pesca, colheita etc. A influência da tecnologia do homem branco contribuiu para que os jovens não queiram mais passar por esse processo. Desta fase adiante até a fase final é a que teve a maior parcela de atividades esquecida pelo povo. Na página seguinte, depois do contexto de última fase, explicarei melhor.

Quadro 1 – Tabela de algumas ervas

Nome da erva	Modo de usar	Para que serve	Onde achar
<i>Ulujáâ</i>	Descascar a raiz é fazer chá com a casca e tomar após pronta ou pingar gota nos olhos.	Serve para ficar bom de flecha.	Geralmente nós encontramos onde a selva é alta.
<i>Murarúúp</i>	Colocar de molho a folha da erva, depois passar no corpo inteiro ou pingar a gota nos olhos.	Serve para ficar bom de flecha.	A maioria das vezes nós achamos próxima ao córrego ou na serra.
<i>Ikunngâj</i>	Descascar a raiz, em seguida, fazer chá com a casca e beber após pronta.	Serve para deixar fácil de encontrar ou matar gavião.	Essa erva raramente é encontrada na selva alta.
<i>Mbebêttí</i>	Fazer chá com a folha depois beber	Serve para facilitar a caçada do porcão	Encontra-se em qual quer tipo da selva.
<i>Wanzúúj puraáát</i>	Fazer chá com a folha, depois é só beber.	Serve para o tatu sair logo da toca, quando é colocada a fumaça dentro dela.	Geralmente encontramos na beira de córrego ou no brejo.
<i>Wasa puraáát</i>	Fazer chá com a folha, depois passar no corpo inteiro ou beber se preferir.	Serve para ficar fácil de encontrar a anta ou de matar.	Essa erva encontra-se nas capoeiras antigas ou na beira das estradas.

Foto: Organizado pelo autor, 2015

2.4 A aprendizagem de atividades pesadas: quarta fase *ujiráá* (fase adolescente)

Quando o rapaz atinge o chamado *ujiráá*, de doze a quinze anos, desde os onze anos os pais começam a pedir para praticar as atividades pesadas, como roçada, derrubar árvore, rachar lenha e também começa a caçar sozinho.

Para praticar essas atividades, o menino começa a conhecer todos os processos de cada atividade. Exemplo: antes de rachar a lenha, terá que conhecer os tipos de árvores que servem, em seguida, vai na roça com a mãe para rachar lenha com machado. Geralmente essa atividade é praticada quando o pai está caçando, com a esperança de que seu pai retorne com muita caça.

Figura 9 – O rapaz cortando porco do mato



Fonte: Panduret Cinta Larga, 2015

Em relação a derrubar a árvore, o rapaz deve identificar se tem algo que pode ser aproveitado pelo povo, como: mel, fruta ou até mesmo material para confeccionar ardumes.

Quando for derrubar árvore o menino deve tomar cuidado para não começar cortar do lado errado, pois poderá cair para o lado dele, por isso, que é preciso começar a cortar a árvore do lado que está um pouco inclinado.

O trabalho da roça é atividade considerada pelos jovens a mais fácil de aprender, porque é somente necessário o rapaz identificar a melhor terra para plantio. Depois que identificar a terra, o rapaz e a família começam a fazer a roçada. Os dias de duração para fazer roça depende do tamanho dela. Antigamente uma derrubada de aproximadamente 5 alqueires durava aproximadamente 5 meses para ficar pronta, só a parte da derrubada. Na atualidade, com a influência da tecnologia da sociedade do não índio, o mesmo tamanho dura uns dois meses, até menos.

2.5 As práticas de conclusão do processo: quinta fase, o *ujit* (adolescente homem)

De 15 a 17 anos, já na fase quase adulta, chamada *ujit*, o jovem tem que praticar as atividades que os pais consideram como conclusão dessa formação. Essas atividades são as mais difíceis de praticar. Uma das atividades é o jovem aprender a matar tatu.

Figura 10 – Jovem matando tatu



Fonte: Edir Cinta Larga, 2016

Essa prática acontece na época da safra, período em que os tatus estão gordos. Inicialmente o jovem tem que ter tomado e passado as ervas que facilitam a caçada do animal. Quando for caçar, o jovem deve encontrar o rastro do tatu no chão, assim que o identifica, o rapaz vai seguir a pegada das patas do animal até encontra-lo. Assim que acha a toca, o rapaz busca lenha para acender na boca da toca do tatu. Depois que acender o fogo, é só ficar abanando para mandar a fumaça para dentro da toca do animal. Com menos de uma hora, o tatu sai disparado da toca e, quando acontecer isso, é só bater e matar.

Figura 11 – Rapaz sendo testado pela onça



Fonte: Edir Cinta Larga, 2016

A atividade mais perigosa dessa fase é o teste com onça, *ujit kâmaé*. Essa atividade servia para analisar a habilidade, reflexo e agilidade do aprendiz. Acontecia da seguinte maneira, o pai do aprendiz passava a erva que atrai onça para o ataque direto na pessoa, o rapaz tinha que saber desviar o ataque da onça, tinha que ter agilidade para não deixar a onça pegá-lo, até se posicionar para jogar flecha e matar a onça. No caso de o jovem não conseguir

matar a onça, o pai tinha que ajudar o filho, se não perderia o seu filho, mas ao mesmo tempo, ficava decepcionado pelo rapaz não ter conseguido. Assim, tinha que fazer de novo até conseguir.

Nesta fase, tem a prática de matar gavião real, a prática de tirar castanha, subindo na castanheira, prática de tirar mel Arapuá usando fogo. Todas essas práticas eram difíceis de aprender, por isso que eram consideradas como conclusão dessa formação do homem Pandérééj.

Gostaria de entrar nos detalhes dessas práticas, mas é muito extenso falar de cada uma delas, por isso, encerro esse trabalho explicando quais dessas práticas, desde a 3º fase ainda é praticada e não praticada pelo povo.

Figura 12 – Rapaz tirando mel Arapua



Fonte: Edir Cinta Larga, 2016

2.6 O que é praticado e o que não é praticado na atualidade

Atualmente essas práticas que os jovens aprendiam antigamente, só algumas delas são praticadas em cada faixa etária. As práticas da 1º (primeira fase ainda é preservado pelo povo ainda, isso porque essa fase é a base de tudo para o jovem aprender socialmente, culturalmente e por fim tornar autônomo quando terminar esse processo de aprendizagem.

As atividades da segunda 2º fase algumas atividades são praticadas ainda, mas não tradicionalmente, nem com frequência como acontecia antigamente. Na atualidade as crianças fazem flechas, mas não para praticar a espera na tocaia, hoje eles confeccionam somente para brincar no pátio da aldeia.

Na 3º fase, as atividades estão sendo mais esquecido pelos jovens, só para ter ideia, antes o jovem tinha que aprender as práticas que eram faziam parte daquela fase. Os meninos de hoje não estão mais querendo aprender a praticar as atividades obrigatórias de aprender na tal fase. Com a influência da tecnologia preferem ficar jogando bola, assistindo TV, jogando videogame, isso é muito preocupante.

Os jovens que ainda tem o pensamento sobre as práticas de aprendizagem começam a querer fazer algo que não fés quando criança. Isso somente nesta fase 4º, porém não praticam tradicionalmente, para caçar usam arma do não índio, para colher fruto e rachar lenha usam facão, machado etc. Alguns jovens ainda confeccionam somente a flecha simples, mas usam n caçada, confeccionam somente para comercializar

Na última fase a 5º, 99% por cento das atividades já deixaram de praticar. “Única “pratica que está sendo ainda preservado de modo tradicional ainda é a inicia que praticada nessa fase” a caçada de tatu”, só não e tão tradicional porque os jovens não andam nus como antigamente.

Gostei muito de ter passado por essa experiência, porque através deste trabalho adquiri um pouco conhecimento de como pesquisar e montar os dados coletados em forma de cartilha.

Não poderia ter realizado este trabalho se não estivesse à colaboração dos anciões da minha aldeia.

Foi muito importante pesquisar esse tema, porque são costumes que estão sendo quase esquecido pelo nosso povo, foi um dos motivos que escolhi este tema.

Este trabalho de pesquisa auxiliará nas atividades pedagógicas nas escolas indígenas e também para motivar os jovens indígenas, no sentido de revitalizar estas atividades tradicionais, e que conscientizamos a importância de voltar a praticar esta atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho elaborado, espero que essa tradição seja conhecida pela sociedade envolvente e seja reconhecida e preservado pela geração futura do meu povo.

Também espero que este trabalho venha contribuir de alguma forma para que esse costume seja revitalizado e valorizado pela geração futura do povo Cinta Larga.

Por tanto quero dizer que nem tudo pode descrever porque tem algumas informações que os anciões e lideranças não autorizaram descrever no trabalho. Porem essas informações só podem ser coletadas com autorização dos mesmos.

Em outra oportunidade, gostaria de aprofundar mais sobre o tema, pois têm muitas informações que creio que preciso aprofundar mais nas pesquisas para descrever melhor com clareza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAYNER, Natália Guerra. Patrimônio cultural imaterial: para saber mais. Brasília: IPHAN, 2007.

CINTA LARGA, Pichuvy. Mantere ma kwé tinhin : histórias de maloca antigamente. Belo Horizonte : Segrac ; Cimi, 1988. 128 p

GALLOIS, Dominique Tilkin (orgs.). Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará. São Paulo: IEPÉ, 2006.

POZ NETO, João Dal. (Perito) Laudo Histórico-Antropológico. IN: MALDI, Denise (Org.) Direitos Indígenas e antropologia: Laudos periciais em Mato Grosso. Cuiabá, EduFMT, 1994

POZ NETO, João Dal. Homens, animais e inimigos: simetrias entre mito e rito nos Cinta Larga. Revista de Antropologia, São Paulo: USP, v, 36, p 177-206 1993.

POZ NETO, João Dal. Laudo histórico-antropológico [AI Serra Morena]. Cuiabá : s.ed., 07/10/1988. 85 p.

Puupakeej Panae Sep I. Livro de leitura Cinta Larga sobre os rios e os seres aquáticos, (6) Palustres e terrícolas. Cacoal: Proari, 2002. 90 p

FONTES ORAIS

Gapimangat Cinta Larga, tem 72 anos, domiciliado na aldeia Flor do Prado

Luiz Cinta Larga, 48 anos, domiciliado na aldeia Flor do Prado

Nace Cinta Larga, tem 74 anos, reside na aldeia Lontra

Capitão Cinta larga, tem 75 nos, reside na aldeia Cachoeirinha.

DEPOIMENTOS

1-Gapimangat Cinta Larga; entrevistado usando questionários e gravador (celular) no dia 20 de agosto de 2014, na Associação Pasapkaréj no município.

2-Luiz Cinta Larga; entrevistei usando questionário no dia 13 de outubro de 2014, na aldeia Flor do Prado.

3-Nace Cinta Larga; entrevistei usando questionário e gravador (celular) no dia 02 de dezembro de 2014, na residência do mesmo no município.

4- Capitão Cinta Larga; entrevistei usando questionário e gravador no dia 10 de abril de 2015, na dependência de balneário OASIS no município.

ANEXO

ANEXO A – ROTEIRO DE PERGUNTAS DE ENTREVISTAS

Entrevistado:

Pesquisador:

Linguagem utilizada:

Data:

Local:

Ana te pajáe mantere é pambyky mankubáá?

Anann asááp te mbyp jáe awemakubáá?

Mêe makíi teé ujit jáe akubáá?

Me tejaé byp makubáá?

Mena meneka te ujit jáe mberemanga e akubáá?

Mena unn teé ujit já akubáá asara?

Menam kau nã asáát te jáe akubaé tikiáá

Me makíi te ujit jaé akubáá?

Mena sakaálááte pajaé ujit sáát akubáá?

Me wa unn te ujit já akubáá asára?

Me pira te panzaé ujit káj meremangáá?

Mena meneka te pajáe akubatera ujit kaja?

Te wesut na e pangubae jáá?

Me makii te ujiréj as anáa?

Te ujiréj as ana wemankiáá?

Te panza wekala ewe anáá?

Ana te panza ana ewenáá?